

Seguem três resenhas de livros recém-lançados, sendo que dois deles são de nossos professores eméritos: José Artulino Besen e Ney Brasil Pereira.

BESEN, José Artulino. *História de Padres em Santa Catarina*, volume I. São Paulo: Mundo e Missão; Florianópolis: FACASC, 2015, 23 x 15,5cm, 519 p.

Há mais de trinta anos, o autor, Pe. José, vem persistentemente vasculhando os arquivos eclesiais e outros documentos, recolhendo informações preciosas sobre os padres, diocesanos e religiosos, que iniciaram e levaram adiante a história da Igreja no Estado catarinense. Bom número deles, não nascidos aqui, mas reconhecidos como catarinenses porque aqui dedicaram os anos mais preciosos de suas vidas para o anúncio e o florescimento do Evangelho em Santa Catarina.

Este volume, que é o primeiro de uma série, é dedicado aos padres do século XX, primeiramente os diocesanos, antigamente chamados de “seculares”, que enfrentaram mais a solidão e a responsabilidade pessoal, pois não tinham a proteção humana e espiritual de uma Ordem ou Congregação religiosa. Outros volumes recordarão também os religiosos: franciscanos e jesuítas primeiro, depois os de outras Congregações. Em todos eles nota-se a fidelidade à missão recebida e assumida, fidelidade muitas vezes posta à prova. É visível o poder da graça de Deus na fragilidade desses homens, que admiravelmente superaram toda sorte de obstáculos. Mais vezes o historiador teve de referir-se, apoiando-se na documentação da correspondência, à estremecida relação entre padre e bispo.

O que é notável, nestas microbiografias – que, apesar de necessariamente abreviadas, são bastante completas – é a capacidade do autor em traçar as linhas do retrato humano e espiritual de cada uma destas figuras, entremeando suas informações com discretas pitadas de humor. O resultado é uma espécie de “ressurreição” destes homens de tantos méritos, a maior parte deles praticamente esquecidos pelo passar implacável dos anos sobre seus túmulos.



E aí está o grande mérito deste volume, e dos que o seguirão: a necessária e, por isso mesmo, muito bem-vinda, recuperação da memória destes verdadeiros heróis da fé, à semelhança do que fez Jesus Ben-Sirá, o Sirácida, ou Eclesiástico, em relação aos personagens ilustres da história do seu povo. É sobejamente conhecida a justificativa que ele faz, o Sirácida, antes de começar a galeria dos seus heróis: *Façamos o elogio dos homens ilustres, os que nos precederam ao longo das gerações* (Sir 44,1).

O leitor ficará muito grato ao Pe. José pelo imenso trabalho de pesquisa, aqui colocado à nossa disposição, para ajudar-nos a não pecarmos pelo desconhecimento ou, melhor, pelo não reconhecimento, dos méritos dos que nos precederam. Cada uma destas figuras sacerdotais merece um monumento. Senão de pedra ou bronze, aí está, em páginas escritas com a admiração do discípulo e a exatidão do historiador, esta série notável de retratos, retratos vivos, que preservam a sua memória. Eles não podem, não devem ser, e agora não mais serão esquecidos.

Pe. Ney Brasil Pereira

PEREIRA, Ney Brasil. *Santa Catarina de Alexandria, Padroeira da Arquidiocese de Florianópolis, da Ilha e do Estado de Santa Catarina*, 2. ed., revista e aumentada, Blumenau: Nova Letra, 2015, 20,5 x 15 cm, 80 p.

No 50º aniversário do encerramento do Concílio do Vaticano II (1962-1965), Pe. Ney Brasil Pereira coloca à nossa disposição a segunda edição do “*Santa Catarina de Alexandria*”, comemorando a Padroeira da arquidiocese de Florianópolis e da Ilha e do Estado de Santa Catarina. A primeira edição saiu em 2002, ano do 75º aniversário da elevação da diocese de Florianópolis à condição de Arquidiocese.

Uma interpretação radicalizada da reforma litúrgica promovida pelo Concílio levou a sérios equívocos na compreensão do Martirológio Romano, não por culpa dele mas, da leitura ligeira, tendo como consequência a lamentável expressão “Santos cassados”, nele incluindo os populares São Jorge, São Cristóvão, Santa Filomena, e Santa Catarina. O novo Martirológio estabeleceu três listas de Santos: os propostos à devoção universal (incluídos no Missal Romano), os incluídos na de-



voção local e, dentre esses últimos, aqueles(as) sobre os quais faltavam provas arqueológicas vizinhas ao seu tempo de vida. Mas, a arqueologia é ciência recente: por exemplo, até então havia provas claras da Santa de Alexandria situadas só no século XI. Pesquisas posteriores, nesse pequeno lapso de tempo, alcançaram o século VI, vizinho do século IV quando viveu a Santa, e abrem o caminho para maiores avanços.

Pe. Ney Brasil não se deixa levar pela tentação de uma biografia imaginativa, típica dos mosteiros medievais, nem por interpretações lendárias. Apresenta-nos o que se pode afirmar, e o que basta afirmar: Catarina viveu em Alexandria no Egito, foi conhecida por sua sabedoria, recebeu a coroa do martírio, no início do século IV, E, desde o século XVI, dá o nome à Ilha de Santa Catarina, depois à Capitania, à Província, ao Estado catarinense, à arquidiocese de Florianópolis.

Em sua devoção à Santa, o autor nos oferece em poucas páginas a história dela, um resumo histórico dos bispos e arcebispos da capital do Estado, uma Novena em preparação para a festa de 25 de novembro, os textos da Missa do dia, e Hinos entoados na Catedral, vários de sua autoria. Fazemos votos para que o dia de Santa Catarina de Alexandria volte a ser o dia oficial do Estado catarinense, corrigindo o equívoco histórico da Assembleia e do Governo, que o transferiram para o dia 11 de agosto, data da criação da Capitania, em 1738. E que o nome “Santa Catarina”, pronunciado milhões de vezes nesses cinco séculos, continue a ser invocado e atrair proteção divina à nossa terra e confirmar a nossa identidade.

Pe. José Artulino Besen

SILVA, Jorge Luiz Neves Pereira da Silva (Padre Jorjão). Guido, mensageiro do Espírito Santo. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2015, 21 x 13,5cm, 271 p.

Li com gosto e proveito as 270 páginas do livro sobre Guido Schäffer, médico, surfista, seminarista do Rio de Janeiro, falecido em 2009, aos 34 anos de idade, em acidente na prática do seu esporte. Sua vida tocou tantas pessoas, especialmente no Rio, que a Arquidiocese,



passados os cinco anos após a morte, já encaminhou o processo de Beatificação.

Cito, da contracapa esquerda: “... encontrava-se então no último ano do Seminário e já havia deixado uma marca de amor e fé nos corações de centenas de pessoas. Pregador incansável da palavra de Deus, Guido contagiava todos à sua volta com um jeito especial de falar sobre os valores cristãos da cordialidade, temperança, caridade e justiça. E encantava com seu espírito sempre pronto a se doar em nome dos doentes e dos pobres. Neste livro, Padre Jorjão, amigo e guia essencial na vida de Guido, faz um relato emocionante dos acontecimentos que levaram o jovem surfista a descobrir sua vocação de *médico de homens e de almas*. Mostrando ao mesmo tempo o Guido das ondas cariocas e aquele da entrega silenciosa ao sacerdócio, deixa claros os motivos que faziam da sua presença um raro caminho de encontro com Jesus, e que agora o levam ao rumo dos altares”.

O livro é constituído de 34 breves capítulos, após o prólogo. Estilo agradável, rico de citações bíblicas ilustrando os fatos, a maioria delas extraídas do amplo repertório bíblico assimilado por Guido, que podia reproduzir de cor trechos inteiros da palavra de Deus. O livro caracteriza-se pela também pela riqueza dos detalhes referentes a pessoas e lugares, conseguindo bem transmitir ao leitor as facetas variadas desse jovem excepcional.

Sua espiritualidade desenvolveu-se no ambiente da Renovação Carismática Católica, por um lado bebendo de várias fontes, p.ex. das Oficinas de Oração de Larrañaga, dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, do encontro com São Francisco de Assis e com Frei Pio de Pietralcina, e logo também passando a dar de beber a muitos jovens, em encontros, retiros, jornadas, dentro e fora do ambiente de Igreja. Impressiona especialmente a irradiação da sua espiritualidade concretizada na doação aos doentes e necessitados, especialmente a partir da sua formação de médico. E tudo isso não sozinho, mas tendo o dom de atrair outros jovens ao mesmo caminho.

Excelente contribuição do livro é a reprodução, no fim de vários capítulos, de textos do próprio Guido, certamente resumos de suas palestras, p. ex. “Não extingais o Espírito” (p. 144-146), “Submeter-se ao senhorio de Cristo” (p. 152-154), “Luz do mundo” (p. 164-166), “Humildade e mansidão” (p. 198-199), “Orai sem cessar” (p. 204-209), “Alegria de Deus” (p. 222-225), “Pensamentos” (p. 234-236)...



Quanto ao título do livro, “*Guido, mensageiro do Espírito Santo*”, acho que ficou um pouco geral. Teria preferido – será que ainda se pode mudar? – o título, “*Guido, surfista de fogo*”, como aliás está no final do livro, no fim da p. 269, que reproduzo aqui: “Guido estava no mar, fazendo o que mais gostava, surfando, perto de Deus. O seu amor ainda está presente entre nós. O fogo é o símbolo do Espírito Santo: a caridade, o amor de Deus. Guido Schäffer é o *Surfista de Fogo*. Esta chama não pode se apagar, nem pela água do mar, nem pela onda da morte.”

Em suma, o livro merece ampla difusão. É um testemunho concreto, de um jovem de classe média, que não malbaratou a vida, mas valorizou-a com a busca do aperfeiçoamento pessoal e da doação, cada vez mais intensa, ao próximo, numa santidade concreta, ao alcance da mão. Deus seja louvado por ele, Guido, e também pelo Padre Jorjão, seu mentor e biógrafo.

Ney Brasil Pereira